

Transformando esperança em realidade

Español | English | Français



Laurence Boone,
Economista-Chefe da OCDE

Pela primeira vez desde o início da pandemia, agora há esperança de um futuro melhor. O progresso com vacinas e tratamento aumentou as expectativas e a incerteza diminuiu. Graças à ação sem precedentes dos governos e dos bancos centrais, a atividade global se recuperou rapidamente em muitos setores, embora algumas atividades de serviços continuem prejudicadas pelo distanciamento físico. O colapso do emprego foi parcialmente revertido, mas um grande número de pessoas continua subempregado. A maioria das empresas sobreviveu, embora financeiramente enfraquecida em muitos casos. Sem um apoio político massivo, a situação econômica e social teria sido calamitosa. O pior foi evitado, a maior parte do tecido econômico foi preservado e pode se recuperar rapidamente, mas a situação continua precária para muitas pessoas, empresas e países vulneráveis.

O caminho à frente é mais brilhante, mas desafiador. No momento em que este relatório foi escrito, o número global de mortes subiu para 1,5 milhão, ondas subsequentes atingiram muitos países e a primeira onda continua forte em outros. Enquanto se espera por vacinas eficazes a serem amplamente distribuídas ou algum avanço no tratamento, esperançosamente no curso de 2021 para a maioria das pessoas, a gestão da

pandemia ainda imporá limites à economia. A atividade econômica continuará com menos interações físicas e fronteiras parcialmente fechadas por mais alguns trimestres. Alguns setores vão recuperar força, outros ficarão paralisados. As economias em desenvolvimento ou emergentes onde o turismo é importante continuarão a ver sua situação se deteriorar e exigirão mais ajuda internacional. As políticas deverão continuar a sustentar com vigor a atividade econômica, tanto mais que o fim da crise da saúde está próximo.

A economia global vai ganhar impulso ao longo dos próximos dois anos, com o PIB global em níveis pré-pandemia ao final de 2021. Após um acentuado declínio este ano, o PIB global deve crescer ao redor de $4\frac{1}{4}\%$ em 2021, e mais um $3\frac{3}{4}$ por cento em 2022. O progresso científico, os avanços farmacêuticos, o rastreamento e o isolamento mais eficazes e os ajustes no comportamento das pessoas e empresas ajudarão a manter o vírus sob controle, permitindo que as restrições à mobilidade sejam eliminadas progressivamente. É importante ressaltar que as políticas de apoio a empregos e empresas, em vigor desde o início da pandemia, permitirão uma recuperação mais rápida quando as restrições forem suspensas. Junto com a redução da incerteza, essas melhorias devem estimular o uso da poupança acumulada para fomentar o consumo e o investimento. O alívio fiscal fornecido ao longo de 2020 foi excepcional e necessário, e dará frutos. A recuperação será mais forte e mais rápida, à medida que mais e mais atividades forem reabertas, limitando a perda de renda causada pela crise.

Projetamos que a recuperação será desigual entre os países, potencialmente levando a mudanças duradouras na economia mundial. Os países e regiões com sistemas eficazes de teste, rastreamento e isolamento, e aqueles onde a vacina será implantada rapidamente, provavelmente terão um desempenho relativamente bom, embora a fraqueza geral da demanda global os atalhe. A China, que começou a se recuperar mais cedo, deve crescer fortemente, respondendo por mais de um terço do

crescimento econômico mundial em 2021. As economias da OCDE vão se recuperar, crescendo 3,3% em 2021, mas se recuperando apenas parcialmente da profunda recessão de 2020. A contribuição da Europa e da América do Norte para o crescimento global será menor do que o seu peso na economia global.

As perspectivas continuam a ser excepcionalmente incertas, com riscos no sentido da alta e da baixa. Entre os riscos ascendentes destacam-se campanhas de vacinação eficientes e uma melhor cooperação entre os países, que podem acelerar a distribuição da vacina em todo o mundo. Por outro lado, o atual ressurgimento do vírus em muitos lugares nos lembra que os governos podem ser forçados novamente a apertar as restrições à atividade econômica, especialmente se a distribuição de vacinas eficazes progredir lentamente. A confiança seria prejudicada se a distribuição da vacina ou os possíveis efeitos secundários se mostrassem decepcionantes. O impacto sobre a economia pode ser severo, por sua vez aumentando o risco de turbulência financeira para soberanos e empresas frágeis, com possíveis repercussões globais.

Apesar do enorme curativo que as políticas estão aplicando à economia, e mesmo em um cenário positivo, a pandemia terá danificado o tecido socioeconômico de países em todo o mundo. A produção deverá permanecer uns 5% abaixo das expectativas pré-crise em muitos países em 2022, implicando custos permanentes substanciais da pandemia. Os mais vulneráveis continuarão a sofrer desproporcionalmente. As empresas pequenas e os empreendedores têm maior probabilidade de encerrar suas atividades. Muitos trabalhadores de baixa renda perderam seus empregos e são cobertos apenas pelas políticas assistenciais, na melhor das hipóteses, com poucas perspectivas de encontrar novos empregos em breve. As pessoas que vivem na pobreza, muitas vezes pouco protegidas pelas redes de seguridade social, viram sua situação piorar ainda mais. Crianças e jovens de origens menos privilegiados e

trabalhadores adultos menos qualificados muitas vezes não conseguiram aprender a trabalhar a partir de casa, com danos potencialmente duradouros.

Os governos terão que continuar usando seus instrumentos de maneira ativa, com melhor direcionamento para ajudar aos mais atingidos pela pandemia. O fato de que as vacinas estão à vista sugere que este não é o momento de reduzir o apoio, como foi feito muito cedo após a crise financeira global. Em vez disso, as políticas econômicas e de saúde devem trabalhar de mãos dadas. As medidas de saúde pública devem ser redobradas para limitar o impacto de novos surtos do vírus e das restrições associadas. Também é crucial que as políticas garantam um apoio fiscal contínuo para manter ativos os setores, as empresas e os empregos associados. As lições dos últimos nove meses mostram que essa ação política foi e continua sendo apropriada. As políticas monetária e fiscal precisarão continuar trabalhando vigorosamente na mesma direção, pelo menos enquanto a crise da saúde ameaçar atividades econômicas e empregos que seriam viáveis em circunstâncias normais.

O ativismo político mais intenso não deve ser fonte de preocupação, se implantado para proporcionar um crescimento mais forte e mais justo. O forte apoio fiscal está empurrando a dívida pública para níveis muito elevados, mas o custo da dívida está em níveis muito baixos. Uma característica marcante das perspectivas é a ausência de correlação entre o tamanho do apoio fiscal e o desempenho econômico resultante, sugerindo que nem todas as medidas foram aplicadas com sabedoria. O apoio monetário e fiscal sem precedentes não pode ser desperdiçado; deve ser canalizado para um crescimento econômico mais forte e melhor. Existem pelo menos três prioridades para os formuladores de políticas. Primeiro, investir em bens e serviços essenciais, como educação, saúde, infraestrutura física e digital. Em segundo lugar, ações decisivas para reverter de forma duradoura o aumento da

pobreza e da desigualdade de renda. Terceiro, cooperação internacional: o mundo não pode resolver uma crise global por meio de ações individuais e introvertidas.

Um redirecionamento dos gastos públicos para bens e serviços essenciais daria um sinal de que os governos aprenderam lições com a crise. A necessidade de aumentar a resiliência deve impulsionar o investimento público e privado em saúde, educação e infraestrutura. Melhor resiliência em saúde não é apenas questão de distribuição de vacinas e de leitos em unidades de terapia intensiva, mas também implica medidas de prevenção e a disponibilidade de cuidados médicos para todos a preços acessíveis. O reforço da resiliência também envolve investir nas competências das pessoas, garantindo melhores resultados na educação e no mercado de trabalho e, em última instância, um maior crescimento e bem-estar. Este caminho começa com recursos maiores e mais bem direcionados para os primeiros anos da educação, com um corpo docente e administrativo mais capacitado e melhor remunerado, bem como uma melhor formação contínua, especialmente para grupos vulneráveis, incluindo mães e pais em dificuldades. Muitas vezes, as crises anteriores resultaram em menores investimentos e em lacunas duradouras na infraestrutura, inclusive em energia digital e descarbonizada. Isso precisa mudar.

O apoio aos mais vulneráveis, especialmente crianças, jovens e menos qualificados, que não foram plenamente protegidos do impacto da crise, terá de se intensificar. Os sistemas de educação podem melhorar em muitos países, aproveitando as lições tiradas da crise. Os governos devem investir para garantir que todas as famílias, professores e alunos tenham acesso à banda larga de boa qualidade e estejam equipados para educação digital, especialmente para aqueles em situações desfavorecidas. A crise mostrou a urgência de aprimorar as habilidades digitais. Também revelou deficiências nos sistemas de proteção social. A política fiscal deve ser mais bem

direcionada aos grupos vulneráveis fora do sistema de seguridade social normal que não foram elegíveis para a ajuda adicional fornecida até agora, para seu próprio benefício e o benefício da sociedade como um todo.

Finalmente, a cooperação internacional vacilou nos últimos anos, exatamente quando foi mais necessária do que nunca. A crise financeira “global” foi principalmente uma crise de algumas economias avançadas, mas desencadeou uma resposta cooperativa sem precedentes. A pandemia é a primeira crise totalmente global desde a Segunda Guerra Mundial: ela foi enfrentada com respostas nacionais massivas, mas com fronteiras fechadas e pouca cooperação. O protecionismo e o fechamento de fronteiras não são a resposta: eles impedem a distribuição de bens essenciais no mundo inteiro e penalizam as economias que dependem da participação em cadeias de valor globais para alcançar maiores níveis de renda. Isso deve ser revertido. A produção e distribuição ampla, rápida e generosa de tratamentos médicos e vacinas eficazes deve ser organizada para todos os países. Os fóruns multilaterais devem redobrar seus esforços com respeito à transparência da dívida e uma moratória de dívida quando necessário, enquanto a supervisão financeira precisa prestar muita atenção ao endividamento das empresas. O mundo deve evitar que esta crise econômica e de saúde também se transforme numa crise financeira.

Quando questionados sobre como será o mundo pós-Covid-19, esperamos que a resposta seja: “talvez basicamente o mesmo, mas um pouco melhor”.

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-do-brasil/>

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-portugal/>